

**O ESPAÇO DE SEGREGAÇÃO E DOMINAÇÃO MASCULINA NO CONTO
“SHIRLEY PAIXÃO”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**THE SPACE OF SEGREGATION AND MALE DOMINATION IN THE SHORT
STORY “SHIRLEY PAIXÃO”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Kelcilene Grácia-Rodrigues¹
Jorlaine Monteiro Girão de Almeida²
Chrissie Castro do Carmo³

RESUMO

Fundamentado nos pressupostos do Feminismo decolonial, este trabalho tem como objetivo a análise da condição de subalternidade das mulheres negras no espaço familiar e social, onde convivem diariamente com a dominação masculina. O objeto de análise será o conto “Shirley Paixão” da autora brasileira Conceição Evaristo, publicado em sua coletânea intitulada *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016). É uma pesquisa bibliográfica, de análise literária e caráter imanente, tendo como principais bases teóricas os autores: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Mikhail Bakhtin (2018), Regina Dalcastagnè (2012), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e Pierre Bourdieu (2012).

Palavras-chave: Conceição Evaristo, feminismo decolonial, espaço, dominação masculina.

ABSTRACT

Based on the assumptions of decolonial Feminism, this work aims to analyze the condition of subordination of black women in the family and social space, where they live daily with male domination. The object of analysis will be the short story “Shirley Paixão” by Brazilian author Conceição Evaristo, published in her collection entitled *Unsubmissive tears of women* (2016). It is a bibliographical research, literary analysis and immanent character, having as main theoretical bases the authors: Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Mikhail Bakhtin (2018), Regina Dalcastagnè (2012), Gayatri Chakravorty Spivak (2010) and Pierre Bourdieu (2012).

Key words: Conceição Evaristo, decolonial feminism, space, male domination.

¹ Doutora em Estudos Literários pela UNESP-Araraquara. Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no campus de Três Lagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9636046088021706>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7141-3289>. E-mail: kelcilene.gracia@ufms.br

² Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2863437781656907>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4141-5689>. E-mail: jorlaine.almeida@iff.edu.br

³ Mestra em Letras pela Universidade Mackenzie/ SP. Professora efetiva do Colegiado de Letras do Instituto Federal do Amapá (IFAP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3019627979479218>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0529-4373>. E-mail: chrissie.carmo@ifap.edu.br

Introdução

O objetivo geral deste trabalho é compreender de que forma as mulheres e meninas negras e periféricas são vistas e tratadas no espaço familiar e social e, a partir desse entendimento, explicar a influência dessa visão à permanência delas na mesma condição de subalternidade, tendo como base teórica o feminismo decolonial.

No intuito de analisar essas pautas, este artigo se propõe a fazer uma análise do conto “Shirley Paixão”, publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, escritora brasileira negra de origem pobre, que trabalhou como empregada doméstica desde a infância para ajudar no seu sustento e no de sua família e que enfrentou o racismo e o machismo nos meios acadêmicos e sociais. Em suas obras, Evaristo dá voz às mulheres que vivenciam situações que se repetem cotidianamente como o silenciamento, o abuso sexual, o feminicídio, a dominação masculina e a erotização da mulher negra. Sua voz alcança também o meio literário, espaço que é restrito à elite social masculina e branca. Os espaços descritos pela maioria das narrativas contemporâneas são essencialmente urbanos e masculinos, não é de se estranhar que a maioria esmagadora dos espaços por onde as mulheres circulam estão na esfera particular da casa, o espaço público é um lugar de estranhamento para elas, onde passam com a intenção do retorno para casa:

A cidade que se vai desenhando na narrativa brasileira contemporânea é, como já disse antes, masculina. Não temos a menor ideia de como as mulheres veem espaço urbano que se estende sob seus pés e se relacionam com ele. Elas se tornam, assim, invisíveis. São apagadas de nossas ruas, praças, prédios públicos – como se nada tivessem a fazer ali, como se nada tivessem a dizer da vida nesses lugares. E isso não acontece apenas nos textos produzidos por homens. Também nas narrativas de autoria feminina as mulheres costumam estar circunscritas ao espaço da casa, aonde irão se desenrolar seus dramas e, quando possível, suas alegrias. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 150-151)

O espaço da narrativa “Shirley Paixão” também é a casa, como na maioria das narrativas com protagonista mulheres, no entanto, este lugar está para evidenciar a sua condição de subalterna pela dominação masculina. A casa normalmente é descrita no

universo masculino literário como um lugar de proteção, aconchego e tranquilidade como para Bachelard (2008, p. 201) “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”. Este universo não representa a realidade vivenciada pelo espaço da casa de muitas meninas e mulheres, assim vemos a necessidade do lugar de fala das mulheres, das crianças e de todos os “outros” não pertencentes à hegemonia masculina e branca. No conto fica evidente a necessidade da união delas no contexto familiar e social para que situações de violência, racismo e machismo sejam combatidas.

O conto analisado dá luz a discussões sobre a experiência das mulheres no ambiente familiar e o olhar de supremacia do homem diante da condição de dominador e viril. Aquele que é dominado, o sujeito subalterno “refere-se a pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes... colonizados, trabalhadores rurais, operários e outros grupos aos quais o acesso ao poder é vedado” (BONNICI, 2005, p. 230).

A condição de mulher, negra e periférica confere na atualidade uma relação de subalternidade, segundo o ponto de vista de Spivak (2010). Grande parte dos autores de literatura brasileira retratam a realidade do homem urbano branco de classe média (DALCASTAGNÈ, 2012). O que difere Evaristo da hegemonia literária é o olhar para o universo feminino, tendo como foco as mazelas sofridas por elas na sociedade patriarcal. A condição da mulher vista como objeto sexual também é abordada em suas obras, esse condicionamento é representado, majoritariamente, pela figura masculina, personagem da narrativa, que não vê a humanidade e as múltiplas qualidades da mulher negra pertencente ao seu círculo familiar ou social e a reduz a apenas à finalidade de uso, seja ele sexual ou doméstico.

A partir de todas essas temáticas abordadas pela autora, a pesquisa terá como embasamento teórico o Feminismo decolonial para análise da condição de desigualdade de gênero e a análise espaço-temporal para consubstanciar esse posicionamento. A análise realizada justifica-se pela relevância social da temática levantada pela autora que apresenta estilo crítico acerca da condição vivenciada pelas mulheres em condição de desigualdade, dando voz ao sujeito oprimido com o intuito de integrar este sujeito

marginalizado à sociedade, e assim promover um lugar onde as mulheres designadas como subalternas possam falar e serem lidas/ouvidas.

Shirley Paixão

Até a década de 1980, os movimentos feministas eram liderados por mulheres brancas e de classe média. McCann (2019) afirma que embora as mulheres negras e de classe baixa fizessem parte durante todo o percurso do movimento, suas lutas sempre eram vistas como menos importantes, pois o movimento buscava retratar àquelas que eram representadas pela liderança. A escritora Angela Davis (2016) defendeu esse ponto de vista em suas publicações, para ela as feministas reforçavam o racismo e o preconceito de classe em suas buscas por igualdade:

Ao escrever sobre a primeira convenção pelos direitos das mulheres, que aconteceu em Seneca Falls, em Nova York, em 1984, Davis aponta como as sufragistas do século XIX ressaltaram a importância do casamento e a exclusão das mulheres das carreiras profissionais como as duas maiores formas de opressão que as impactavam. Davis afirma que essas preocupações eram específicas das mulheres brancas e economicamente privilegiadas e deixavam de lado o drama das mulheres brancas de classes trabalhadoras e das mulheres negras escravizadas, assim como o racismo suportado pelas mulheres negras livres nos estados do Norte dos EUA (MCCANNER, 2019, p. 204).

Na literatura brasileira contemporânea, a luta por dignidade, igualdade e respeito se fazem presentes nos contos de Conceição Evaristo, a situação não mudou muito desde os anos 80, e a necessidade de mostrar essa desigualdade social se faz ainda mais necessária. O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) aborda a segregação do espaço para as mulheres e escancara as repressões sociais vividas por elas, tais como o estupro, a violência doméstica, o aborto e a naturalização da dominação masculina⁴. A

⁴ Bourdieu (2012, p. 7-8) define como violência simbólica a “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele.

autora é uma das mais notáveis escritoras de ficção na atualidade. Suas obras apresentam temas marcantes a partir da perspectiva feminina do retrato da vida das mulheres envolvidos ao contexto brasileiro. Conceição, através de seus textos, denuncia as injustiças sociais e representa a realidade da mulher através da literatura. Bonnici (2005) fala da forte analogia entre patriarcalismo/feminismo e colonizador/colonizado, argumentando que a objetificação da mulher funciona como metáfora da degradação das sociedades pelo colonialismo e ressaltando que “a mulher sempre foi relegada ao serviço do homem, ao silêncio, à dupla escravidão, à prostituição ou a objeto sexual” (2005, p. 231).

No conto “Shirley Paixão”, de Conceição Evaristo, temos Shirley como narrador autodiegético que conta para uma amiga o crime que vivenciou no espaço de sua casa e a sua condição de mulher, madrastra e mãe negra durante o seu segundo casamento. É importante ressaltar que as experiências vivenciadas pelas mulheres negras são diferentes daquelas vividas por mulheres brancas, por estas não lidarem com o racismo tão estruturado em nossa sociedade. Heloisa Buarque de Hollanda defende que o feminismo negro é marcado pelo racismo e precisa de uma atenção diferenciada:

O feminismo negro enfrenta a desigualdade, o silenciamento, a discriminação, o genocídio e a violência sofridos por mulheres e homens negros, se põe contra a apropriação do capital cultural afro-brasileiro, valoriza ideias como a interseccionalidade, o “lugar de fala” e a afirmação estética da “geração tombamento” e, o que é bastante interessante, não dissocia as demandas de seus filhos homens negros da pauta de sua luta. (HOLLANDA, 2018, p. 242)

No conto em estudo Shirley narra os seus anos de casamento - um período aproximado entre três e quatro anos - com suas cinco filhas, três enteadas trazidas pelo marido e duas filhas da personagem de um relacionamento anterior. No início de seu segundo casamento, todas as meninas eram crianças: “Quando ele veio para a minha casa, trouxe as três meninas. Elas eram ainda pequenas, as minhas duas regulavam idade com as deles. As cinco meninas tinham idades entre cinco e nove anos.” (EVARISTO, 2016, p. 27). A narradora descreve uma vida comum durante os anos de seu casamento: “Vivíamos bem, as brigas e os desentendimentos que, às vezes, surgiam

entre nós eram por questões corriqueiras, como na vida de qualquer casal” (idem), no entanto, deixa entendida a violência simbólica que vivenciavam:

As meninas, filhas dele, se tornaram tão minhas quanto as minhas. Me tornei mãe de todas. [...] Às vezes, o homem da casa nos acusava, implicando com o nosso estar sempre junto. Nunca me importei com as investidas dele contra a feminina aliança que nos fortalecia. Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele (IBIDEM, p. 28)

A narradora expõe apenas o nome da enteada Seni que era “a mais velha de minhas filhas, a menina que havia chegado a minha casa quando faltavam três meses para completar nove anos” (EVARISTO, 2016, p. 28). Shirley a descreve como “a mais arredia. Não por gestos, mas por palavras” (idem) e justificava que tal comportamento se dava por “saudades contidas e incompreensão diante da morte da mãe” (ibidem, p. 29). Ela também observa o comportamento do pai “faltava paciência, vivia implicando com ela” (idem) e descreve o silenciamento de Seni diante da situação e a superproteção das irmãs:

E assim ela foi crescendo, alternando períodos de pouca, com nenhuma fala. Em meio às cinco, sobressaía pela timidez. Entretanto, ali pelos doze anos, já era uma mocinha feita. Zelosa com si mesma e, mais ainda, com as irmãs. Eu procurava desviá-la do caminho de uma responsabilidade, que não era dela, ao perceber o excesso de cuidado e os gestos de proteção com que ela cercava as irmãs e, às vezes, se eu permitisse, até a mim. (IDEM)

Conforme assegura Spivak (2010, p. 15) “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”, esse silenciamento fica evidente no comportamento de Seni que sofre com a violência física e simbólica em sua própria casa. Quando se fala em mulher pobre e negra como Shirley e as filhas, Spivak (2010, p. 85) afirma que a cor, o gênero e a pobreza conferem a ela a condição de subalternidade, ela pertence à periferia social, o que acaba marginalizando-a e condicionando-a à dominação masculina.

É a partir do espaço escolar que Shirley juntamente com a professora de Seni procura acompanhamento psicológico para a menina. Uma vez que a professora “observara que Seni tinha mania de perfeição e uma autocensura muito grande” (EVARISTO, 2016, p. 29). Shirley explica à docente que o pai “implicava muito com ela, mas pouco ou nada exigia” (idem). É daqui que a violência fica evidente na narrativa, quando a narradora descreve que o pai se dirigia à menina com “palavras de deboche” e que ele a tratava de forma cruel.

É após a conversa com a professora, ao chegar em casa, que Shirley percebe efetivamente que algo errado acontecia na relação entre o marido e Seni. Ela diz que “quando comentei com o pai dela a conversa e os conselhos da professora, ele teve um acesso de raiva. Só faltou agredir fisicamente a menina, e acho mesmo que não investi contra ela, porque eu estava perto” (EVARISTO, 2016, p. 30).

A violência verbal fica escancarada como forma de dominação masculina. É através do controle da imagem de Seni que o pai segue como o dominador desse círculo familiar. As imagens de controle são categorizadas, segundo a definição de Bueno (2020, p. 73), como a

dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder.

Assim, toda a forma de opressão relacionada a um estereótipo consiste numa imagem de controle e influi no silenciamento da vítima. O silenciamento fica evidente quando a narradora descreve o desespero de Seni que não foi explicitado através de palavras, mas sim pelo pânico presente em seu rosto quando “Chorava desesperadamente, me agarrava com tamanha força, como se quisesse enfiar o corpo dela dentro do meu. Como se pedisse abrigo no mais profundo de mim” (EVARISTO, 2016, p. 30).

A violência sexual é descrita pela narradora, que neste momento da história oscila para a amiga de Shirley como extradiegética com focalização onisciente, quando conta que horas após ter expulsado o marido de casa, ele retorna caminhando devagar

para o quarto das meninas e deixa claro que aquela violência já acontecia há algum tempo, desde o falecimento da mãe:

E tamanha foi a crueldade dele. Horas depois de ter sido enxotado da sala por Shirley Paixão, o homem retornou à casa e, aproveitando que ela já estava dormindo, se encaminhou devagar para o quarto das meninas. Então, puxou violentamente Seni da cama, modificando naquela noite, a maneira silenciosa como ele retirava a filha do quarto e levava para os fundos da casa, para machucá-la, como acontecendo há anos. (EVARISTO, 2016, p. 31)

O silenciamento de Seni é rompido pelo pavor que sentiu do pai que é descrito por Shirley como um animal furioso naquela noite. Seni gritou e chorou fazendo com que as irmãs acordassem “apavoradas engrossando a gritaria e o pedido de socorro”. Para as meninas, era um estranho, não reconheciam o pai. Shirley que aquela situação era “a cena mais dolorosa” de sua vida, era “Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu da menina, enquanto outras vozes suplicantes, desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz” (EVARISTO, 2016, p. 32). Bourdieu descreve o ato sexual masculino como forma de dominação quando afirma que:

[...] o ato sexual em si é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de "posse". [...] os rapazes tendem a "compartimentar" a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo. (BOURDIEU, 2012, p. 29-30, grifos do autor)

Criminosamente, o pai aproveitando-se da condição socialmente estruturada de dominador, utiliza da dominação masculina para violentá-la sexualmente. “Adestrando” o corpo da menina para a dominação covarde, conforme descreve Bourdieu:

É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo inclinados e aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência, etc. (BOURDIEU, 2012, p. 71)

Bourdieu afirma ainda que a virilidade é uma condição que deve ser reafirmada socialmente entre os homens, que agem das formas mais vis para comprovar tal fato: “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2012, p. 67).

O espaço descrito na narrativa é o da casa, o ambiente que deveria ser seguro e acolhedor para as meninas se torna um espaço hostil e de pavor. Para Bourdieu (2008, p. 163) “[...] o espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida”. A narrativa apresenta todas as formas de violência doméstica, as personagens mulheres escancaram a realidade em que se vive no espaço privado da casa. Ao sair em busca do espaço mapeado na narrativa, deparamo-nos com o lugar de várias vidas em nossas cidades:

[...] corpos silenciados, domesticados, esquecidos nos quartos de despejo; corpos insubordinados, que insistem em ocupar lugares que não lhes são destinados; corpos que negam o discurso alheio sobre si – são esses corpos, cheio de marcas e rasuras que preenchem a nossa cidade, e que podem dar sentido à literatura. São eles que transportam e definem o espaço narrativo, sempre tão implicado pelos constrangimentos do espaço social. Daí as ausências, a segregação imposta a determinados grupos no interior de nossa literatura -, situação que restringe seu alcance e suas possibilidades, afinal, são muitos os modos de viver a cidade, e muitas as maneiras de representar esteticamente essas experiências. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 174)

O tempo e o espaço são fundamentais para entendermos o impacto causado pela obra de Evaristo. Bakhtin (2018, p. 11) nomeia a relação entre tempo e espaço como cronotopo e a define como “A interligação fundamental das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura”. A relação entre tempo e espaço na narrativa é crucial para entendermos o sofrimento de Seni que vai desde a infância até a adolescência que ligado ao espaço de sua casa amplia o efeito de dor e sofrimento causado a quem lê. O cronotopo expõe o racismo, o machismo, o abuso e violência do conto.

De tal modo, é possível destacar o papel do espaço/tempo como essencial na narrativa, no sentido de que ele é o responsável pela retratação da condição social, cultural e econômica das personagens, bem como pelo destino de todos os envolvidos:

O cronotopo é profundamente antropocêntrico. Em seu centro estão o homem e as relações humanas, nele e através deles são assimilados e unificados o espaço tempo. Trata-se do espaço humano medidos pelo trabalho, pelos esforços e pela vida do homem, assimilados por seu ativismo, por suas necessidades, por sua prática humana. O homem unifica um mundo integral de objetos no espaço e no tempo. A natureza é objeto de sua ação, os demais objetos são produtos de sua atividade, do seu trabalho, de seu ativismo criador. Quanto mais ampla e essencial é a compreensão do ativismo do homem, quanto mais longo é o alcance em que são tomadas as perspectivas de sua atividade, quanto mais ampla é a abrangência do futuro, tanto mais substancial e histórico é o cronotopo (BAKHTIN, 2018, p. 257)

Para Bakhtin o cronotopo de um texto está ligado à concepção de ser humano e de mundo que nele está inscrito, ou seja, determina a imagem do indivíduo na literatura. A imagem de Seni é moldada pelo tempo da infância/adolescência em que sofre maus-tratos do pai, pelo tempo em que perde a mãe e pelo tempo em que sofre de violência sexual, assim como também é moldada pelo espaço de seu quarto que deveria ser o seu abrigo, do quintal da casa que deveria ser local de brincadeiras, mas era lugar de abusos, e da escola em que fora observado o comportamento inabitual.

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira real e fidedigna. (ARENDETT, 2020, P. 107)

Como em grande parte das narrativas, a representação do espaço da mulher dá-se no ambiente doméstico, no entanto, é através da literatura e das narrativas de Conceição e de tantas outras escritoras que vemos o que estamos acostumados a ignorar. E é a partir de narrativas com variedade de vozes que podemos ver e ouvir ângulos diferentes, porque:

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 20).

A narrativa de Evaristo, analisada como fonte no interior de uma investigação social, além do notório caráter interdisciplinar, tem outros significados. Ela é a observação da sociedade, pois traz a revelação dos seus focos mais candentes de crise e a mágoa dos atormentados, explana mais uma pretensão de transformação do que os da estabilidade. Tendo um compromisso maior com a realidade do que com a fantasia, atenta-se com aquilo que poderia, ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real. Pois como afirma Candido (1995, p.175) “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”.

Considerações Finais

O estudo do conto de Shirley Paixão possibilitou uma compreensão crítica sobre a sociedade brasileira, especialmente sobre a condição de das mulheres negras vistas como subalternas pelo patriarcalismo. Essa investigação deu destaque às particularidades da condição vivenciadas por mulheres negras, pobres e que vivenciam diariamente a violência doméstica e a violência sexual. O retrato desenhado por Evaristo demonstra uma mulher enclausurada num corpo definido pelo gênero e pela raça, um corpo colonizado, definido pelo olhar do outro como um objeto sexual.

A ficção de Conceição Evaristo, apesar de ressaltar a condição feminina não a restringe. Ela representa a coletividade através do individual, através de problematizações que também refletem o universo masculino, mas com nuances que o agravam pela condição de inferioridade da mulher. Em outras palavras, essas adversidades são gerais, como a condição de “outro”, mas existem agravantes a essa situação que são vivenciados apenas pelas mulheres, simplesmente pela estereotipização

do feminino, que acabam resultando em ações de domínio como o estupro e o feminicídio.

A análise possibilitou a reflexão sobre o sistema colonial que subjuga a identidade de um indivíduo à cor de sua pele e o desloca da sociedade condicionando-o à minoria dentro do sistema e de um sistema patriarcal que inferioriza a mulher. O espaço da casa deixa claro que essas ações criminosas acontecem em todos os lugares, inclusive na própria casa e por qualquer pessoa, até o próprio pai. Evaristo, ao construir suas personagens, faz refletir sobre necessidade do compartilhamento amplo e democrático dos espaços, incluindo o literário (DALCASTAGNÈ, 2012), pois assim, escancaramos uma realidade que é tolhida socialmente e damos voz àqueles que mais necessitam dela.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução de Paulo Bezerra. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BONNICI, T. & ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Vários tradutores. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BUENO, Winnie. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte/Editora da Uerj, 2012.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1975. v. 1 e 2.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MCCANN, Hannah [et al]. *O livro do feminismo*. Tradução de Ana Rodrigues. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 28/03/2023

Aceito em 15/07/2023